

3 pessoas

PREFEITURA DO MUNICIPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DISCOTECA PUBLICA MUNICIPAL

A DISCOTECA PUBLICA MUNICIPAL, do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, tem o prazer de convidar V.S. para assistir ao seu 132º Concerto de Discos, com comentários, a realizar-se no dia 9 de fevereiro de 1956 às 21 horas em sua "Sala Luciano Gallet" (Av. Brigadeiro Luís Antônio, 278, 6º andar).

O programa é o seguinte:

1ª PARTE

ROBERT ALEXANDER SCHUMANN (Alemanha, 1810-1856)

"Cenas Infantís, op.15"

- 1- Dos países imaginários e dos seres misteriosos;
- 2- História curiosa; 3- Cabra cega; 4- Desejo infantil; 5- Felicidade perfeita; 6- Acontecimento importante; 7- Devaneio (Revêrie); 8- Ao pé da la reira; 9- A cavalo num bastão; 10- Quasi muito sé rio; 11- Amedrontar; 12- O menino dorme; 13- O po ta fala.

Walter Giesecking (piano)

Intervalo de 5 minutos

2ª PARTE

JOHANNES BRAHMS (Alemanha, 1833-1897)

"Intermédios op.117"

- 1- em Mi Bemol Maior
- 2- em Si Bemol Maior
- 3- em Dó Sustenido Menor

Walter Giesecking (piano)

ENTRADA FRANCA

et./

3 pessoas



132ª CONCERTO DE DISCOS

1a. PARTE

SCHUMANN

Em concertos anteriores já tivemos ocasião de dizer que a parte principal da musica de Schumann, um dos maiores compositores do Romantismo, é representada pelas obras para piano e pelos Lieder. Se bem que suas Sinfonias, seus Quartetos, seus Trios, seus Oratórios profanos não deixem de exibir a marca do seu gênio, não se equiparam às obras-primas que Schumann legou à literatura pianística e à canção. O caráter profundamente íntimo da sensibilidade musical de Schumann e sua fantasia transbordante, realmente não poderiam encontrar meio exato de expressão na amplitude e nos quadros fixos das grandes formas da música sinfônica, de câmara e vocal. Esse meio de expressão adequado Schumann o atingiu principalmente nas suas obras pianísticas formadas por uma sucessão de pequenas peças, rápidos quadros densos de imaginação, ternura e lirismo, como a admirável série do "CARNAVAL OP. 9" e as não menos admiráveis "CENAS INFANTIS", compostas em 1838, que iniciam nosso programa de hoje. O próprio Schumann explicava as suas "CENAS INFANTIS" como "lembranças para as pessoas que cresceram", como peças que "uma criança grande escreveu para as crianças pequenas". E mandando-as à sua noiva, a grande pianista Clara Wieck, explicava e recomendava: "É uma resposta inconsciente às palavras que me disseste um dia: às vezes pareces uma criança grande. Se assim é, verás que nasceram asas nessa criança... Gostarás por certo de tocar essas pequenas peças, mas é preciso que te esqueças de que és virtuose". É que, como êle sentia, essas peças exigem "graça simples, natural e sem afetação", para serem ~~suavizadas~~ na sua comvente poesia.

Tras. M. T. dos

2a. PARTEBRAHMS

O musicólogo Karl Geiringer salienta que, embora o desenvolvimento artístico de Brahms tenha sido lento e seguro, sem mudanças bruscas, suas obras podem ser divididas em quatro períodos, possuidores de certas características bem distintivas.

O primeiro período, que vai até 1855, "é o tempo da afetuosa amizade com Robert Schumann e do amor apaixonado por Clara Schumann". Tempo de exaltação romântica, de interêsse pela intenção da obra em detrimento do cuidado formal, de duros contrastes expressivos, mas onde já repontam "a simplicidade e a profunda ternura" que estão presentes em tôda a criação de Brahms. É um tempo que o músico consagrou quase exclusivamente ao piano.

O segundo período é uma fase de transição, em que Brahms "segue diretamente os modelos clássicos". É o tempo principalmente da música de câmara. Calma e intimidade começam a suceder-se às asperezas anteriores, mas o músico não atingiu integralmente ainda o seu estilo próprio, aquela "admirável contraposição de nostálgico anelo romântico e repouso clássico", aquele "estilo crepuscular", que se firmaria no terceiro período, iniciado pelo "Requiem alemão". Esta é a fase madura de equilíbrio perfeito entre forma e fundo, de concisão, de "fôrça e quase de trágica violência", e, ao mesmo tempo, de afirmação "daquela indefinida melancolia, elemento essencial de todo o corpo da sua obra". É a fase das grandes obras sinfônicas e corais, que vai até 1890.

Depois dela, Brahms julgou seu poder criador esgotado, mas êle reviveu num quarto período, marcado pela volta aos meios de expressão da sua mocidade - o piano, os conjuntos de câmara e as canções, e por obras cada vez mais despidas de exterioridade, mais enxutas, mais intelectualmente refinadas e, muitas vezes, sem a espontaneidade lírica das suas obras anteriores. Dêste último período são os 3 Intermédios op. 117 que encerram nosso programa e formam com as séries de peças op. 116, op. 118 e op. 119 o cume da obra pianística de Brahms. Além da sua beleza, além da emoção que se desprende do 1º Intermédio, ao qual Brahms chamava "o acalanto dos meus sofrimentos", é preciso salientar a perfeição da escritura pianística dessas pe-

ças. Tão adequadas são elas ao instrumento, tão necessariamente ligadas ao piano, que o próprio Brahms não conseguiu arranjar satisfatoriamente para orquestra o Intermédio nº1.